



**NA FORÇA
&
E
NA RAÇA**

Fraternidade Malunga,
Pintura por Isis do Carmo, 2020.

Oportunidades

por Carlos Pereira

“Em minha mente eu vejo uma linha. E depois dessa linha vejo campos verdes, lindas flores e belas mulheres brancas com seus braços esticados para mim. Mas por algum motivo eu não consigo chegar lá. Eu não consigo me ver do outro lado daquela linha’. Foi Harriet Tubman que disse isso nos anos 1800. Deixe-me dizer algo: a única coisa que separa mulheres negras de qualquer outra pessoa é a oportunidade. Você não pode ganhar um Emmy por papéis que não existem. Eu dedico esse prêmio a todos os roteiristas, aquelas pessoas incríveis que (...) redefiniram o significado de ser bonita, ser sensual, ser protagonista, ser negra. E a todas as mulheres como Taraji P. Henson, Kerry Washington, Halle Berry, Nicole Beharie, Meagan Good, Gabrielle Union. Muito obrigada por nos levar para o outro lado da linha”.

Esse foi o discurso feito pela atriz *Viola Davis* quando ela recebeu o prêmio Emmy de melhor atriz em série de drama, em 2015. Nele, ela fala muito bem sobre oportunidades e, talvez, só esse discurso bastasse pra gente refletir sobre oportunidades para negres e indígenas na nossa sociedade de hoje em dia. Gostaria que nós analisássemos, juntas, cada parte desse discurso.

Viola Davis começa citando uma fala de *Harriet Tubman*, mulher negra que viveu entre 1822 e 1913. Filha de pais escravizados, ela não teve uma certidão de nascimento, então a data de nascimento citada é apenas suposta. Viveu sob a condição de escravizada até seus 27 anos quando fugiu e foi para a *Philadelphia*, onde a escravização, na época, não era permitida. Com o dinheiro que recebia pelo trabalho como faxineira e cozinheira, ela organizou campanhas à região de *Maryland*, onde nasceu, para resgatar outras negres da escravização. Sabe-se que, ao longo da vida, ela fez 13 viagens e resgatou cerca de 70 pessoas e ajudou outras 70, indiretamente, a chegar ao norte do país por conta própria (Corrêa, 2021).

Harriet Tubman.

Colagem por Carlos Pereira, 2023.

A fala de *Harriet Tubman* que é citada no discurso se refere a uma divisão, uma linha. Acredito que ela tenha se referido ao fato de que, seja por motivos explícitos, seja por motivos ocultos, o mundo será diferente para cada uma, conforme sua raça. A mundo, me refiro a território, trabalho, relações, qualidade de vida, expectativa de vida, oportunidades. E se tu for negre, ou indígena, você estará em lugar de subalternidade. E se incluir outras marcas de subalternidade, então! Imagina uma travesti, negra e gorda. Existem exceções? Claro! Mas elas não eliminam a regra, e elas funcionam como uma armadilha, pra tentar fazer a gente acreditar que nada disso que eu digo faz sentido e que as oportunidades estão aí pra todos.

Para *Harriet Tubman*, no lado de lá, onde havia coisas boas, estavam mulheres brancas que lhe estendiam a mão, mas ela não conseguia alcançá-las. A gente pode refletir sobre muitas coisas a partir desse pequeno trecho. Podemos pensar na mão estendida como um gesto de solidariedade. Mas essa questão da solidariedade precisa ser mais profundamente discutida na nossa sociedade, principalmente quando ela vem de pessoas que ocupam o lugar da hegemonia, ou seja, da branquitude. A branquitude é privilégio. A branquitude é racismo (e aqui não me refiro a ser branco, mas sim à brancura como normatividade). Pra mim, se o ato de solidariedade que vem da branquitude não vem acompanhado de um ato genuíno de rompimento com os determinantes que servem pra reproduzir esse lugar de privilégio quase que naturalizado para a própria branquitude, então não é solidariedade, é tutela. Aliás, é concessão e tutela. Digo isso porque não se quer abrir mão de privilégios, não se quer abrir mão de espaços, não se quer abrir mão de poder. A branquitude, e todo o aparato social que serve para a manutenção da sua hegemonia, continuam os mesmos. Não mudam, mesmo após o ato "solidário", mesmo havendo benefícios reais pra quem recebe esse ato "solidário".

Às vezes eu me surpreendo festejando o destaque social conseguido por algumas negres no mundo capitalista, por agora possuírem grandes fortunas. Mas aí vem a contradição: no capitalismo, que se baseia na desigualdade da concentração de renda, pra alguém acumular, alguém foi explorado. Esses negres exploraram o próprio povo? Estão elus, agora riques, no papel de exploradores capitalistas? Se a base do capitalismo é o racismo, haver negres no topo da pirâmide significa que elus também estão contribuindo para fazer girar essa roda e reproduzindo racismo? Estamos festejando que chegamos no topo da estrutura criada por/ mantida pelo racismo? Não estou eu também querendo mudar de vida e subir nessa pirâmide?

Mas aí a cabeça volta ao lugar e, para não sofrer, tento deslocar essa contradição (ou frustração), para o próprio sistema. Porque, de fato, essa contradição não é minha, é do sistema. É ele que faz isso com a gente. Mas, de qualquer forma, fica a reflexão: já que uma das bases do capitalismo é o racismo, então, toda luta contra o racismo deveria ser contra-capitalista e toda luta contra o capitalismo deveria ser contra o racismo. Mas na verdade, não é. E a vida segue, e a gente sofre, e continuamos na subalternidade.

Mas voltando à questão da tutela e da concessão. Tutela porque se o que ofereço não demanda que eu abra mão dos privilégios associados à minha posição, se eu não abro mão de poder, então a oferta não me ameaça, eu continuo a mesma pessoa e isso não tem a ver com bondade, consciência, conhecimento ou intelectualidade.



NÃO FOI ELA

Colagem por Carlos Pereira, 2023.



**FORAM ELAS
E MUITAS OUTRAS COMO ELAS**

Arte na página anterior: *Tutela x Solidariedade*.

Colagem feita no Canva Pro por Carlos Pereira, 2023.

Aparecem na colagem: Princesa Isabel na antiga bandeira do império, e Clara Camarão, Tereza de Benguela, Dandara, Aqualtune, Maria Felipa e Adelina Charuteira envoltas por Camélias.

Tem a ver com trânsito social, privilégio mesmo. Por isso, defendo que este ato está na ordem da tutela e contribui pra que a gente acredite que precisa ser guiado por quem é legítima no espaço, ou seja, que a gente depende da iniciativa da branquitude. Que existe a figura do branco salvador (no masculino mesmo). Sobre concessão é um pouco mais difícil de falar, pois está bem oculta nos ganhos sociais adquiridos. Já pararam pra pensar que o que a gente conseguiu (à base de muita luta) tem um pouco de concessão por parte da branquitude em, de certa forma, aceitar que essas mudanças acontecessem? Longe de mim desqualificar a nossa luta, o que eu quero é evidenciar a armadilha criada pela própria branquitude. Talvez se não houvesse certa abertura (concessão) por parte da branquitude, certos ganhos sociais protagonizados pelo nosso povo em movimento dependessem de mais luta e de um teor maior de esforço da nossa parte. Por isso, interpreto a mão estendida no relato de *Harriet Tubman* como algo solidário, porém perigoso, pois se assenta na lógica da tutela e da concessão.

Harriet Tubman, por mais que tente, não consegue cruzar a linha. Quer dizer, não é fácil chegar a esse lugar porque ele não foi pensado pra gente. O que é próprio pra nós são as comunidades, cidades e impérios indígenas e africanos. São as aldeias e os quilombos. As cidades ocidentais de hoje e sua ordem foram pensadas em uma época em que se acreditava que negres e indígenas nem eram gente. O Direito e a cidadania que regem o funcionamento das cidades ocidentais capitalistas não foram pensados pra gente, não foram pensados por nós. E estamos lutando o tempo todo pra fazer parte dessa estrutura que se esforça em nos jogar para fora dela. Outra contradição. Por isso, eu acredito muito que, para pessoas negras e indígenas, não é possível viver em paz, estar relaxado, alcançar um estado zen, se manter em good vibes, porque a gente está o tempo todo lutando.

e isso piora quando, pra além da raça, a gente considera outros fatores, a partir da interseccionalidade [12]. E essa luta não é de agora, está na memória das nossas células. Essa revolta que habita na gente vem de muito antes, ela nasce na época de Maafa [13], do sequestro, das injustiças que ainda não foram reparadas.

Como diz a canção Lugar/Tenente, de Paulo César Pinheiro na voz de Glória Bonfim e Leonardo Pereira:

“Quem me deu coração de revoltado foi Tereza de Benguela”.

Acredito mesmo que meu coração de revoltado tenha vindo dela, daquela época. Está vivo na minha herança genética, na memória guardada nas minhas células. Decidir o que fazer com toda essa energia, todo esse conteúdo, é a grande questão. Tô tentando aquilombar e fazer coisas por mim e pelo meu povo, mesmo que seja na força do ódio. Aliás, como diz Carolina Rocha, a Dandara Suburbana:

“Nos recusamos a abolir a raiva”.

E, complementando com as palavras de Tatiana Nascimento:

“Antirracismo manso é delírio colonial da branquitude”.

Estamos no corre, mas a linha de chegada continua sendo deslocada pra mais longe sempre que a gente chega perto. Difícilmente vamos conseguir chegar do lado de lá. Algumas exceções conseguirão, mas a grande maioria de nós não vai. Por isso, eu acredito que a ideia da meritocracia não serve pra nós. E não sou somente eu que penso isso. Saiu uma matéria no jornal El País que dizia:

“a meritocracia é uma armadilha”, porque ela “perpetua desigualdades”, já que “a igualdade de oportunidades não existe”. (FANJUL, 2021). Tem outro trecho que eu gosto muito nessa reportagem:

“O talento e o esforço produzem pouco na ausência de um entorno social bem desenvolvido”, diz o economista da Universidade Cornell Robert H. Frank (...), que também aponta um dos feitos perniciosos da meritocracia: ‘As pessoas que minimizam a contribuição ao seu sucesso de um entorno propício estão menos dispostas a apoiar os investimentos públicos necessários para manter esse entorno’. Nesse sentido, a meritocracia pode corroer as políticas sociais, o Estado de bem-estar, idealizados, justamente, para equilibrar o terreno social e diminuir as desigualdades”.

A gente tem visto tanta gente que defende corte nas verbas destinadas a políticas públicas, especialmente aquelas voltadas aos mais pobres. A gente vê gente questionando a política de cotas raciais, como se elas fossem algo injusto. Políticas públicas servem justamente pra reduzir os efeitos das iniquidades, que são as desigualdades injustas e evitáveis. E mesmo me servindo dessas políticas, ainda estarei sujeito a sofrer a influência da matriz de opressões que já mencionamos. Tomando como exemplo, novamente, a política de cotas raciais pra ingresso na universidade pública. A entrada não garante que não serei alvo de racismo durante a formação, que não haja diferenças nos acessos a oportunidades de estágio, extensão e pesquisa. Não garante que me sentirei representado no quadro de professores e nas obras escolhidas para eu estudar,

que compõem o quadro de referência do meu curso. Por isso, é tão importante pensar nas políticas de permanência, no letramento racial, no debate sobre diversidade, por exemplo. Seguindo na nossa reflexão, gostaria de trazer outro trecho dessa mesma reportagem:

A inexistente meritocracia frequentemente é lubrificada com as fecundas ideias do mito do empreendedorismo, do coaching e do pensamento positivo (a happycracia descrita por Eva Illouz e Edgar Cabanas): você pode conseguir o que você quiser, você deve empreender, você deve sair da sua zona de conforto e romper seus limites. É uma doutrina própria do capitalismo vigente que premia especialmente o individualismo e a competição, sob a ideia meritocrática de que quem mais trabalhar será o mais bem-sucedido: o caminho ao sucesso costuma ser uma luta solitária e contra os outros, que não tem muito a ver com o progresso coletivo.

Lembro que, no auge do distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19, era tamanha a quantidade de reportagens e notícias ensinando a gente a como aproveitar o tempo em casa, como empreender em casa, como aparecer bem nas videochamadas, como ser mais produtivo... como se a gente não pudesse simplesmente parar um pouco e descansar, ou mesmo parar para assimilar tudo que estava acontecendo e se fortalecer mentalmente e fisicamente.

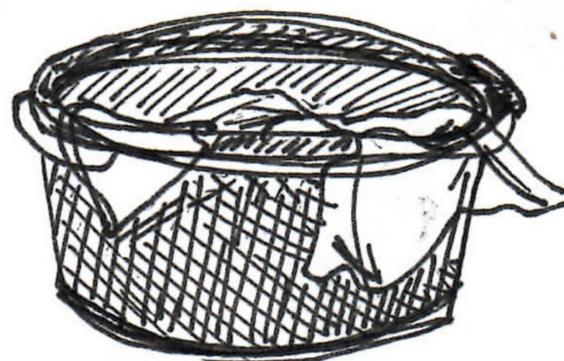
A gente tem medo do ócio, a gente foge do ócio.

Tanto que, em nossos momentos de lazer, na maior parte das vezes a gente está fazendo alguma coisa. Nós estamos sempre em atividade. E quando a gente pára, parece que a gente está cometendo um erro. E assim a gente vai esquecendo que ócio é saúde. Ter tempo é saúde.

Acho que isso é fruto do ato de trazer pra vida íntima esses valores do capitalismo: produtividade, esforço, empreendedorismo, controle. Trazemos, inclusive, essa ideia de sucesso e felicidade, a ponto de parecer que a gente não pode ficar triste! Como se não estar feliz fosse fracasso. E para além disso, compramos a ideia já concebida de vida bem sucedida e a perseguimos.

Se a gente perguntar pra quem está perto da gente o que elus pensam sobre o que é uma vida bem-sucedida, muita gente, especialmente pessoas pretas e pobres, vai responder que é se formar, conseguir um bom emprego, ter uma casa boa, em um lugar bom, ganhar dinheiro, formar família. E se a gente mudar a pergunta para: qual o seu sonho? É possível que as respostas sejam as mesmas, ou parecidas. Isso acontece porque a gente compra pra gente essa ideia de vida bem sucedida e passa a persegui-la. Mas aí está a questão: esses sonhos são genuinamente meus ou são coisas que o modo de vida capitalista me ensinou a perseguir?

Sinceramente, não sei a resposta.



NAO LEMBRO
MEU SONHO...

NAO LEMBRO MEU SONHO...
Desenho por Roberta Gil, 2023.

Mas pude refletir sobre isso com uma pessoa muito querida, a Roberta, que fez uma arte que tinha uma frase mais ou menos assim: **já nem lembro mais qual o meu sonho.**

A gente ficou conversando sobre isso e sobre como a gente mergulha na luta diária pela sobrevivência, em tentar melhorar de vida, que acaba esquecendo da nossa essência e dos nossos sonhos mais genuínos.

Se não houvesse uma pressão pela sobrevivência e uma necessidade de ganhar dinheiro pra sobreviver, você gostaria de se ocupar com o que?

Eu acho que eu gostaria de me ocupar com dança e com cozinha. Amo! Mas estas não foram minhas primeiras opções na hora de fazer minhas escolhas profissionais, embora eu também ame o que eu faço.

O último trecho da reportagem citada fala, ainda, de uma coisa muito interessante: que a luta, no capitalismo, é solitária e de disputa.

É verdade. Não há boas oportunidades pra todes, então estamos sempre em disputa, sempre procurando diferenciais pra que tenhamos espaço na concorrência cotidiana. Isso nos torna solitárias. E vejo dois problemas nisso.

O primeiro, é que acreditamos que o nosso fracasso nesse sistema é responsabilidade única nossa, pois lutamos sozinhas. Então, se não conseguimos, é porque não nos esforçamos o bastante. Não acredite nisso. Lembre-se: como negres, indígenas, quilombolas, caiçaras, ciganes, de axé, lgbtqiap+, pessoas gordas, que vivem com deficiência, pobres, moradores de favela e de periferia, nós somos subalternidades, e pra nós sempre será mais difícil.

Tenho uma amiga muito querida, Élide, que sempre me diz que nosso trabalho como pessoas negras é mesmo impecável, porque nessa estrutura racista, só mesmo entregando trabalhos impecáveis pra não sermos dispensados. Somos obrigados a sermos excelentes naquilo que fazemos. Isso nos exige esforçar o dobro, o triplo do que os outros. Isso mostra como as oportunidades são desiguais e como nossa luta é intensa. Lembre-se disso. Lembre-se que todes estão na mesma corrida, mas nem todes tiveram o mesmo ponto de partida; algunes tiveram a vantagem de começar alguns metros mais adiante.

O segundo problema que eu percebo é que, na contradição em que vivemos, em que parece que vivemos em dois mundos (um que é a cidade capitalista e o outro que é a aldeia ou o quilombo, ou pelo menos o desejo que essas estruturas existam), o quanto mais mergulhamos na luta pela sobrevivência no capitalismo, mais solitárias nós ficamos e, assim, mais nos afastamos da luta e da existência coletiva.

O capitalismo nos quer cansades. Cansades e ocupades, assim não nos mobilizamos. Mas a aldeia, o quilombo, o terreiro do axé, nos convidam para a vida em comunidade, pra existência comunitária. Acredito que esse movimento de volta a essas comunidades é o que pode nutrir a gente da força e da saúde que a gente precisa pra estar na luta pela sobrevivência na vida capitalista.

Então, se posso dar um conselho, **busque estar em comunidade.**

Isso demanda tempo, muda nossa rotina, é cansativo, mas ali está o que precisamos pra romper um pouco com os efeitos e os valores do modo de vida capitalista, que nos subalternizam. Precisamos da comunidade para não nos sentirmos sozinhas, pois elas oferecem estabilidade, pertencimento e acolhimento. Assim, nosso sofrimento pode ser amenizado. Existem conflitos, contradições e decepções em comunidade? Claro. Nessas comunidades existe tudo que é humano. Mas até a resolução dessas questões ganha um contexto diferente. Por isso, mesmo havendo problemas, prefiro estar em comunidade.

Mas voltemos ao discurso da *Viola Davis*. Ela segue dizendo: *Deixe-me dizer algo: a única coisa que separa mulheres negras de qualquer outra pessoa é a oportunidade.* Eu concordo, porque acredito que as oportunidades são diferentes pra cada pessoa. O que determina minhas oportunidades? O que dificulta que eu as consiga? Muita coisa. O racismo é uma delas. Bia Ferreira dá o papo:

“Experimenta nascer preto, pobre na comunidade. Cê vai ver como são diferentes as oportunidades”.

Eu cresci ouvindo que não poderia ter cabelo grande, ou tranças, porque assim não conseguiria emprego. Faz sentido, eu sou preto. E quanto mais preto eu parecer na estética, mais me afasto da figura do ‘senhor do ocidente’ [14], e mais evidente fica: o mundo, aqui fora da aldeia e do quilombo, não foi pensado pra mim.

Viola, destaca nesse trecho, ainda, a questão de gênero: *"O que separa mulheres negras de qualquer outra pessoa"*. Pensando nos eixos de opressão que se acumulam sobre a mulher negra, faz todo sentido esse destaque. Não dá pra pensar raça sem considerar, junto, questões de gênero, sexualidade, classe e território. É o convite que Maria Lugones faz ao defender um feminismo decolonial:

'Colonialidade' não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas (p. 2 e 3).

Então, mais que justo pensar a questão da mulher negra. E nossa sociedade brasileira deve muito a ela, que trabalha desde sempre, que teve sua mulheridade negada pelo regime escravocrata, que foi subalternizada, mas mesmo assim, foi o cerne da economia colonial, foi o cerne dos movimentos negros pró-libertação, foi o cerne dos aquilombamentos e dos processos de socialização, seja nos cantos, nas ruas, nos zungus, nos terreiros, nas senzalas.

Sei que não existe hierarquia de opressões. Quem sofre sabe onde dói, e a dor é real pra todes. Mas considero importante reconhecer que os efeitos desses eixos se acumulam na vida das pessoas de forma diferente, gerando contextos de vida marcados por diferentes graus de subalternidade e, talvez por isso, umes estão mais à margem que outros. A mulher negra é um exemplo. A mulher trans negra lésbica é outro, que, por se afastar demais da figura do 'senhor do ocidente' (Njeri, 2022), está em um contexto de grande subalternidade e, pra ela, poderá ser ainda mais difícil, ela poderá ter ainda mais oportunidades negadas nesse circuito convencional da vida. Por isso, precisamos tanto das vias alternativas, dos coletivos, dos movimentos, das possibilidades contra-hegemônicas, dos aquilombamentos e aldeamentos, dos circuitos comunitários. É principalmente nesses espaços que surgem oportunidades pra gente.

Continuando no discurso, Viola ainda fala: "Você não pode ganhar um Emmy por papéis que não exist-

tem. Eu dedico esse prêmio a todos os roteiristas, aquelas pessoas incríveis que (...) redefiniram o significado de ser bonita, ser sensual, ser protagonista, ser negra".

Ela fala de papéis de séries e cinema, mas podemos incluir outras representações e aparições em uma única palavra: discurso. Tais papéis não existem porque a arte, a literatura, a cultura ainda reproduzem, majoritariamente, o discurso e a percepção de mundo da branquitude. Por isso, é tão importante haver artistas como nós, mas também roteiristas, escritores, produtores, figurinistas, ilustradores, diretores, editores como nós.

Precisamos de uma rede e de todo o circuito de produção de arte e cultura protagonizado por pessoas como nós. Essa é a melhor forma, eu penso, para que nosso discurso ocupe os espaços de prestígio e as produções que vão alimentar o imaginário das pessoas e afetar a construção de suas próprias ideias de mundo, de gente, de vida, de justiça, de dignidade. Quero que o nosso discurso seja a base pras produções artísticas e culturais e que também seja a base pro livro didático e pros quadros de referências dos cursos e projetos. Assim, poderemos resignificar, em todos esses espaços, o que é ser negro, ser indígena, o que é beleza, o que é saúde, bem-viver, o que é cuidar da vida, o que é diversidade.

Viola termina seu discurso citando nome de artistas, todas mulheres negras, agradecendo-as por elas a levarem pro outro lado da linha: ...mulheres como Taraji P. Henson, Kerry Washington, Halle Berry, Nicole Beharie, Meagan Good, Gabrielle Union. Muito obrigada por nos levar para o outro lado da linha. Essa é a parte mais bonita pra mim e gostaria de, a partir dela, pensar sobre duas coisas. Uma é sobre a solidariedade. Já falamos sobre isso antes, mas você nota a diferença? Aqui é de nós pra nós. É mulher negra levantando mulher negra! Isso, pra mim, é solidariedade autêntica, que não é mediada por aquele contexto de concessão e tutela do qual falamos. Expressa nossa potência em subir e levar nosso bonde com a gente.



**PARECER:
OPINIÃO PERIGOSA.
SILENCIAR ARGUMENTANDO
UMA VISÃO INGÊNUA,
PRECONCEITUOSA E SECTÁRIA**

Um dia, falando sobre questões assim, sobre raça e tutela, alguém (homem branco héterocis de classe média) disse que eu tinha uma **visão ingênua, preconceituosa e sectária**.

Talvez, da janela dele, pareça realmente isso. Pena que ele não possa visitar minha janela pra ver o que eu vejo, sentir o que eu sinto, passar o que eu passo. Quando isso aconteceu eu não respondi nada, mesmo quando alguém na sala (era durante uma aula e havia outras pessoas presentes) perguntou se eu queria dizer alguma coisa. Acho que na hora eu não acreditei que aquilo estava acontecendo. Hoje, pensando sobre isso, sinto que naquele momento eu fui silenciado, ou pelo menos passei por uma tentativa de silenciamento tentando me fazer acreditar que minha fala e militância estavam equivocadas. Isso é uma violência psicológica. Isso é assédio. Hoje eu consigo identificar isso, embora ainda tenha dificuldade de reagir da forma devida. Foi ruim passar por isso, ainda mais em um ambiente de trabalho, em um lugar e com pessoas que se supõem contra-hegemônicas. Mas eu determinei uma coisa: Eu não me calo. E não me calarei. Não se pode conter o vento, nem as águas. O meu trabalho continua.

Eu até consigo entender o desconforto dele que me disse aquilo. A Leticia Nascimento, a quem muito admiro, me ensinou algo sobre isso. Ela disse, inspirada no que Grada Quilomba escreveu, que o padrão tem medo e reprime os saberes da subalternidade, pois esses saberes revelam coisas que o padrão não quer ver, nem aceitar, como por exemplo, a sua identidade opressora. O padrão aqui, acredito, que seja a figura do 'senhor do ocidente', que se serve da branquitude, do machismo e do patriarcalismo para se manter na sua posição. Acho que é sobre isso, no fim.

A segunda coisa sobre a qual quero refletir: lembra quando falei da contradição que há em pessoas negras ascenderem nessa estrutura capitalista? Aqui está um jeito de subirmos sem ocuparmos o lugar do explorador: quem subir puxa outros consigo. É o que *Viola Davis* diz com *Muito obrigada por nos levar para o outro lado da linha*.

Quem subir puxa outros consigo. Quantes puder e quanto mais, melhor. Assim, do outro lado da linha, ao trazermos mais e mais pessoas como nós, vamos deixando o lado de lá com a nossa cor e a nossa cara. Não importa qual foi a brecha que você teve que se agarrar pra chegar lá, não importa o quanto você teve que se esforçar, ou mesmo se, porventura, se sentiu sozinho, ou se teve menos apoio do que gostaria. Não dá pra esquecer que, por mais que a luta seja individual, ainda assim, tudo se refere a uma existência coletiva. Esse é o convite da aldeia. Esse é o convite do quilombo. Esse é o convite do terreiro. Não dá pra chegar lá e não querer puxar mais alguém.

Assim, encerro agradecendo àquelas que me trouxeram até aqui, dos que se foram e ainda vivem, dos que estão, dos que já vivem mas ainda estarão.

Que eu possa trazer outros mais comigo.

“Cota não é esmola”. Bia Ferreira.

Referências

Ani, M. *Yurugu: Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeus*. Indianapolis, IN: Africa World Press, 1994.

Corrêa, A. *Harriet Tubman: a abolicionista negra que escapou da escravidão, ajudou a libertar dezenas e deverá estampar a nota de 20 dólares*. BBC Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55824157>

Fanjul, S.C. *A meritocracia é uma armadilha*. El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2021-07-18/a-meritocracia-e-uma-armadilha.html>

Lugones, M. Colonialidade e Gênero. In: Hollanda, H.B. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.



PARECER:
OPINIÃO PERIGOSA
SILENCIAR É PERIGOSO
UMA VISÃO INGÊNUA
PRECONCEITUOSA E SECTÁRIA

Eu não me calo

Nascimento. L. *Estudos (in)disciplinares de gênero*. [notas de aula]. São Paulo: BRAVA, 2021.

Njeri, A. *Palestra na Semana de Culturas, Artes e Ciências da Baixada*. Quilombo do Mangaba, Magé, 2022.

Músicas

Lugar/Tenente, de Paulo César Pinheiro na voz de Glória Bonfim e Leonardo Pereira

Cota não é esmola, de Bia Ferreira, na voz de Bia Ferreira.

Páginas no Instagram

Dandara Suburbana: Post “Nos recusamos a abolir a raiva”. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CfkC7UDpCD9/?utm_source=ig_web_copy_link

Tatiana Nascimento: Post “antirracismo manso é delírio colonial da branquitude”. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cd_Pb2Qlw8U/?utm_source=ig_web_copy_link

Vídeo

Viola Davis 67TH EMMY AWARDS Discurso Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t8KeubYwNvE>

Notas

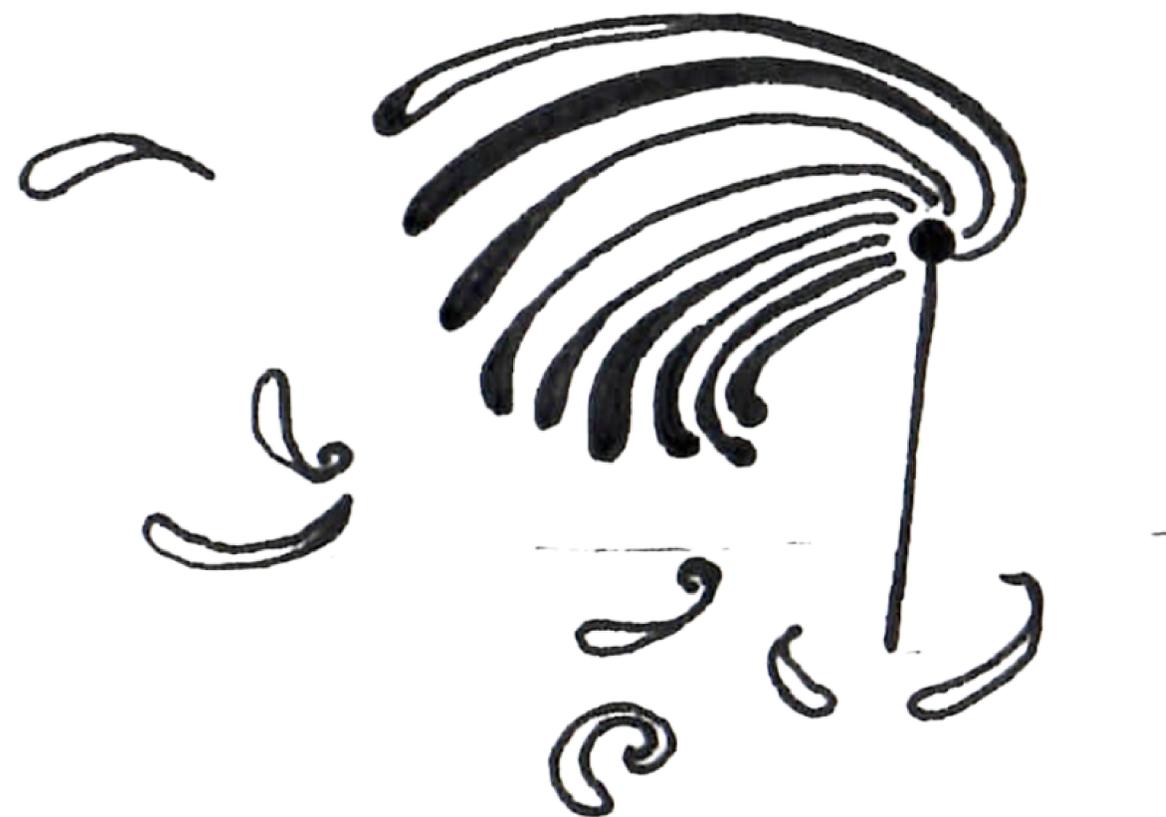
[12] Interseccionalidade se refere a forma como diferentes eixos de opressão, como machismo, misoginia, gordofobia, racismo, lgbtqiapfobia, dentre outros, se interrelacionam e atuam sobre as pessoas.

Os efeitos dessas opressões vão depender do contexto e do poder que cada pessoa detém nos diferentes espaços que ocupa. Isso acaba dificultando a nossa percepção, pois eles atuam de forma distinta conforme a pessoa, o lugar, as relações, o tempo.

O mais importante é perceber que, quanto menos poder eu detenho e quanto mais me afasto do tipo idealizado de pessoa de direito (que muitos chamam de “senhor do ocidente”), para a qual o mundo todo foi organizado, mais suscetível estarei a sofrer os efeitos dessa matriz de opressão. Embora não haja uma hierarquia de opressões, elas se acumulam, criando contextos diferentes de subalternidades.

[13] Maafa é um termo criado por Marimba Ani pra se referir ao processo de genocídio dos povos negros e de sequestro para servirem de escravizados nas colônias. Para saber mais sobre o tema, consulte a obra de Marimba Ani, Yurugu: Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeus de 1994.

[14] Senhor do ocidente, conforme aponta Njeri (2022), é a figura representativa do ser ideal no pensamento filosófico ocidental. Logo, a forma como o mundo foi organizado e as relações estabelecidas no ocidente, fazem referência a esse ser padrão e à reprodução do seu modo de vida. O senhor do ocidente é representado na figura do homem, branco, hétero-cisnormativo, endossexual, sem deficiência, judaico-cristão, magro, alto, poliglota e rico.



Catavento
Desenho por Roberta Gil, 2023.